

E quando não somos todos campeões?

Narrações de derrotas de atletas olímpicos brasileiros no SporTV¹

Marcelo Guilhermino Barreto²

Ronaldo George Helal³

Leda Maria da Costa⁴

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

RESUMO

A história do esporte é contada, na maioria das vezes, sob o ponto de vista dos vencedores. Nas grandes competições internacionais, as conquistas dos atletas ajudam a formar o conceito que as nações fazem de si mesmas, e os veículos de comunicação têm participação importante nesse processo. Mas e as derrotas, como são narradas? Este trabalho se propõe a investigar, através de pesquisa bibliográfica e entrevistas abertas semiestruturadas com narradores, como as emoções de derrotas de atletas brasileiros são comunicadas por narradores de uma emissora de TV aberta, o SporTV.

PALAVRAS-CHAVE: televisão; Jogos Olímpicos; narração; derrota.

INTRODUÇÃO

Este trabalho se propõe a estudar, por meio de revisão bibliográfica e entrevistas abertas semiestruturadas com narradores do canal de TV fechada SporTV, a construção do discurso em narrações de derrotas da seleção brasileira de futebol. A análise parte de Costa (2020), que aponta uma mudança fundamental na cobertura esportiva depois do Maracanazo, como ficou conhecida a partida que o Brasil perdeu para o Uruguai na final da Copa do Mundo de 1950:

O contexto da chamada tragédia do Maracanã traçou o esboço e as glórias – e as interpretações a elas dadas – acimentaram a estrutura das narrativas de derrota que até hoje podem ser percebidas desde uma conversa informal, e principalmente na mídia esportiva do país. Essa estrutura tem como mote principal uma simples pergunta: por que o Brasil perdeu? (p. 49)

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Estudos Audiovisuais, evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

² Doutorando do PPGCOM-UERJ, e-mail: barretolondres@gmail.com.

³ Professor do Curso de Jornalismo da UERJ, e-mail: rhelalfla13@gmail.com.

⁴ Professora do Cursos de Jornalismo da UERJ, e-mail: ledamonte@hotmail.com.

As entrevistas foram concedidas por Jader Rocha (Porto Alegre/RS, 18 mai. 1976; no SporTV desde 2012); Milton Leite (São Paulo/SP, 5 mar. 1959; no SporTV desde 2005); e Luiz Carlos Júnior (Brasília/DF, 6 nov. 1966; no SporTV desde 1992).⁵ Foram levados em conta: tempo de carreira e no SporTV; experiência na narração de jogos de futebol; participação nas transmissões de seleção brasileira e de Copas do Mundo.

NARRAÇÃO E DERROTA

Partindo do conceito de “falação esportiva” (Eco, 1984), temos que a atividade do narrador esportivo é bipartida entre informar corretamente os fatos (função jornalística) e “vender” o evento como um “produto” (função comercial). Sua construção de discurso se faz com acontecimentos alheios ao controle (resultado das competições), que se desenrolam enquanto são narrados (ao vivo). Tudo isso sujeito às condições materiais da transmissão, pelo rádio ou pela televisão.

O papel do narrador, segundo Benjamin (1994), se desenvolve primordialmente na literatura. Milton Leite (entrevista concedida ao pesquisador, estúdios do SporTV, 13 de junho de 2023) revela que chegou ao jornalismo porque gostaria de ter sido escritor de ficção. E acredita que as habilidades de leitor foram importantes em sua formação:

É, você sabe, Barreto, acho que estou há tanto tempo fazendo isso e ninguém me mandou embora, ninguém falou para desistir ainda... Acho que é um pouco por causa disso, porque na verdade, assim, a gente está contando uma história, né? Só que a história está acontecendo ao vivo, então você não tem tempo de revisar, de passar um risco e escrever de novo, e tal, como a gente faria num texto. (Leite, 2023, s/p.)

No que Debord (1997) descreve criticamente como sociedade do espetáculo, a televisão assume o papel de principal veículo narrativo. Mas rádio e cinema têm contribuições importantes, como destaca Martín-Barbero (2003). Luiz Carlos Júnior (entrevista concedida ao pesquisador, estúdios do SporTV, 20 de junho de 2023) descreve sua atuação em linguagem cinematográfica:

(...) fazendo uma analogia, eu sou um cineasta que vai contar uma história, e eu não sei qual é a história. Ou o roteirista. Eu não sei qual é o desfecho da história, mas cabe a mim ter a percepção, o sentimento de compreender quem são os heróis, qual é a trama. E o esporte apresenta heróis, vilões, viradas, pontos inesperados na trama. (...) Cabe ao narrador valorizar cada detalhe desse roteiro, o vilão, o mocinho, o

⁵ Informações cedidas pelos narradores nas entrevistas para a realização deste trabalho, em jun. 2023, nos estúdios do SporTV.

herói improvável, o coadjuvante brilhante que está ali mas não aparece muito. (Júnior, 2023, s/p.)

No Brasil, o estilo de narração esportiva foi criado no rádio e adaptado para a televisão (Helal e Cabo, 2012). Jader Rocha (entrevista concedida ao pesquisador, estúdios do SporTV, 6 de junho de 2023) relata sua experiência na transição entre os veículos:

Eu termino a minha participação na rádio no sábado, fazendo um boletim como repórter. E no domingo, ou seja, vinte e quatro horas depois, estava estreando como narrador de televisão. E eu passo o primeiro tempo inteiro narrando o jogo ainda com a minha cabeça voltada para o ritmo do rádio. (Rocha, 2023, s/p.)

O rádio era o veículo dominante no Maracanazo. Perdigão (2014) reproduz reações de narradores de emissoras brasileiras ao segundo gol dos uruguaios, marcado por Ghiggia. O registro mais famoso é o de Luiz Mendes, narrador da Rádio Globo, que repetiu nove vezes, com entonações diferentes, a expressão “Gol do Uruguai!” O discurso não foi construído apenas com palavras, mas também com emoções – expressas na voz – que estimularam a imaginação dos ouvintes, em linha com o que Charaudeau (2007) chama de patemização.

Em entrevista ao jornal *O Estado de S. Paulo*, o narrador Galvão Bueno, da TV Globo, fez uma definição que ficou famosa: “O esporte é basicamente emoção. Então, meu papel é falar sobre a técnica, a tática, o confronto de inteligência, mas também vender essa emoção.” E quando a emoção a ser vendida é negativa? Luiz Carlos Júnior transmitiu para o SporTV outra derrota marcante da seleção brasileira (7 a 1 para a Alemanha na semifinal da Copa de 2014), e relata assim sua experiência:

Eu acho, nas minhas lembranças, espero estar correto, que o discurso foi muito apropriado. Foi um discurso de incredulidade, de tristeza, mas ainda assim racional. Eu fiz esse jogo com o Lédio Carmona e com o Belletti⁶, eu lembro que não houve caça às bruxas, daquelas: “Não, o Júlio não defendeu a bola tal, o David Luiz⁷ não fez isso...” Pode ter tido espontaneamente, mas ninguém ficou criando vilões. (Júnior, 2023, s/p.)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os narradores se preparam para comunicar a vitória. Como relata Jader Rocha:

⁶ Lédio Carmona, jornalista, e Juliano Belletti, ex-jogador, eram os comentaristas do SporTV na transmissão de Brasil x Alemanha pela Copa do Mundo de 2014.

⁷ Júlio César, goleiro, e David Luiz, zagueiro, disputaram a partida pela seleção brasileira.

É, eu acho que se a gente for pensar em sair preparado para a derrota, a gente já sai de casa derrotado. Então, você tem que estar preparado para essa consagração, para contar uma história bonita. (Rocha, 2023, s/p.)

Mas em todo evento esportivo há derrotados. E na Copa do Mundo, quando a seleção brasileira assume esse papel, cabe ao narrador buscar respostas à pergunta: por que perdemos? Milton Leite fala sobre o desafio de equilibrar emoção e informação:

Eu costumo dizer, ou para a alegria ou para a tristeza, mas a pessoa se senta na frente de uma televisão para ver um jogo para se emocionar, para mexer com as próprias emoções. Então, acho que isso a gente tem que alimentar, esse mexer com as emoções das pessoas, a gente tem que alimentar. Mas eu acho que o segredo todo, Barreto, está nessa palavra mentir, né? (...) Eu lembro que antes de trabalhar em televisão, a gente ouvia muito aquela coisa assim, de as pessoas comentarem, “Ah, não, porque o cara está lá jogando para cima o jogo, ele não quer que a audiência caia.” Na verdade, a audiência cai quando você mente para as pessoas, quando você diz para a pessoa que o time está jogando muito e o cara está vendo que o time não está jogando nada. (Leite, 2023, s/p.)

É o que Mostaro (2023) chama de “ludens narrativo”: o narrador convida o espectador para jogar um jogo narrativo, mas precisa adaptar seu discurso às circunstâncias que o jogo em si oferece e assim criar o registro afetivo que ficará do evento. Este trabalho pretende demonstrar que, com todas as peculiaridades da função de narrador esportivo, é possível comunicar a derrota com emoção; que os narradores não estão imunes aos valores da sociedade, do esporte e dos meios de comunicação em sua época, todos excessivamente focados na vitória, mas não necessariamente os espelham; que o modelo das transmissões esportivas brasileiras, desenvolvido com base no futebol, traz desafios à narração e à própria linguagem da televisão como “produto”. E que tudo isso transpareceu nas entrevistas, sob os aspectos fundamentais da narrativa, do jogo e do imaginário.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. **O narrador**: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BUENO, Galvão. **Entrevista**. Caderno Telejornal, *O Estado de S. Paulo*, 02 fev. 2002.
- COSTA, Leda Maria. **Os vilões do futebol**: jornalismo esportivo e imaginação melodramática. Curitiba: Appris Editora, 2020.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

ECO, Umberto. **A falação esportiva**. In: ECO, Umberto. **Viagem na irrealidade cotidiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

HELAL, Ronaldo; AMARO, Fausto. **Das ondas do rádio à tela da TV**: notas sobre a evolução da narração esportiva. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Fortaleza/CE, 3 a 7/9/2012.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

MOSTARO, Filipe. **O “Ludens narrativo”**: uma proposta para análise das narrativas sonoras esportivas. Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 32º Encontro Anual da Compós, Universidade de São Paulo (USP). São Paulo – SP. 03 a 07 de julho de 2023.